

Françoise Sironi

**CARRASCOS E VÍTIMAS  
PSICOLOGIA DA TORTURA**

  
*terceira margem*

# Sumário

NOTA DE EDIÇÃO .....	09
PREFÁCIO .....	13
INTRODUÇÃO .....	19
CAPÍTULO I	
Torturar: Para fazer falar ou fazer calar?.....	23
CAPÍTULO II	
Os métodos .....	37
CAPÍTULO III	
Clínica da destruição.....	57
CAPÍTULO IV	
A influência do torturador.....	69
CAPÍTULO V	
As manifestações do traumatismo.....	85
CAPÍTULO VI	
Ser um sobrevivente .....	123
CAPÍTULO VII	
A fabricação dos torturadores .....	133
CAPÍTULO VIII	
O tratamento - Terminar a transformação.....	167
CONCLUSÃO.....	251

# Capítulo I

## Torturar: Para fazer falar ou fazer calar?

Como se fala da tortura? Quem fala da tortura tal como é atualmente praticada? Esta pergunta é importante quando se sabe como é pesado o silêncio que cerca a tortura, silêncio que diz respeito tanto àqueles que a praticam quanto àqueles que se submeteram a ela. A principal fonte dos discursos produzidos sobre a tortura são os testemunhos, os relatos das pessoas que foram torturadas. Estes relatos, estes testemunhos, são às vezes o objeto de obras autobiográficas<sup>9</sup> ou de testemunhos de próximos<sup>10</sup>. São também o objeto de uma antologia minuciosa por parte das associações de luta contra a tortura<sup>11</sup>, e por parte do OFPRA<sup>12</sup> encarregado de conceder ou não o status de refugiado em solo francês. Os discursos produzidos pela tortura emanam igualmente dos terapeutas que tratam as vítimas de tortura. Mas seja qual for o tipo de interlocutor que recolhe esses discursos, deles se denota uma grande semelhança, uma incansável constância tanto ao nível da natureza, da forma do relato, como dos processos que ali estão descritos. Eis alguns exemplos.

---

9. Cf, entre outros autores, Robert Antelme, *l'Espèce humaine*, Paris, Gallimard, 1957; Henri Alleg, *La Question*, Paris, Minuit, 1961; Miguel Benasayag, *Malgré tout: contes à voix basse des prisons argentines*, Paris, Maspero, 1980, Primo-Levi, *Si c'est un homme*, Paris, Julliard, 1987, e Jean Amery, *Par-delà le crime et le châtime...*, *op. cit.*

10. Cf, sobretudo, Marguerite Duras, *La Douleur*, Paris, P.O.L., 1985 e Oriana Fallaci, *Un Homme* (1980), Paris, Grasset, 1997.

11. Como a Amnesty International ou a ACAT (Association de chrétiens pour l'abolition de la torture).

12. Office Français pour les Réfugiés et les Apatrides.

Murat é turco. Foi detido, suspeito pelas autoridades militares de seu país de pertencer a um grupo político proibido na Turquia, e condenado a cinco anos de prisão. Foi torturado antes de sua detenção e em múltiplas ocasiões durante a sua detenção.

“Era horrível... realmente horrível”, diz com frieza e com ar distante. Olha insistentemente o vazio e se cala. Calo-me também... Imagens passam. Depois de algum tempo, com a participação de Sibel, o intérprete, pergunto-lhe à meia voz:

“O que tem na sua cabeça, ainda agora?”

– Ainda agora?

– Sim, nesse momento.

– Tem... imagens, como em um filme... imagens que passam...e... não posso dizer nada.”

Mais uma vez, um silêncio de chumbo se instala entre nós. Imperturbável, olha fixamente um ponto no chão... O filme continua a passar... na sua cabeça, na minha, e na de Sibel. Mas é preciso continuar, começar a tirá-lo dali. “Ali”, quer dizer esses anos de isolamento nos quais Murat viveu, antes de decidir vir, sob influência de outras pessoas que já consultaram o centro de tratamento, para que cuidem “disso”, a tortura. Depois de alguns minutos, eu lhe sugiro:

“Murat... Tente por palavras nas imagens que passam, de nos dizer o que está vendo, aí na sua cabeça...”

Ele diz “sim” com um aceno de cabeça, enquanto continua a olhar fixamente o chão. Murat abre a boca, se prepara para falar. Vejo que articula penosamente algumas palavras em seus lábios, mas não sai nenhum som. Sacode violentamente a cabeça. Um espesso silêncio nos amortece progressivamente. (“Murat, segura firme!” pensei então, como sempre, quando as primeiras palavras são impedidas de sair). De repente, Murat solta uma gargalhada. É rindo que ele vai nos contar o que segue:

“Vejo-me na cela, e ouço esses gritos... A cela era tão pequena, que só tínhamos lugar para agachar. Éramos doze

nesse lugarzinho. Torturavam sem descanso... Dia e noite, durante quinze dias. Ouvia os gritos e os urros dos outros, enquanto esperávamos nossa vez na cela. Mas não sabíamos nunca quando seria nossa vez." De novo, a gargalhada de Murat invade o recinto. Antes de traduzir o que Murat vai dizer em seguida, Sibel se virou para mim para fazer o seguinte comentário: "Está vendo, ele está rindo, Françoise, mas garanto que não é nada engraçado o que ele diz.

– A gente sabe disso, não é?..."

Sibel traduz Murat: "O mais duro, pior ainda que a tortura, era a espera. E o melhor momento, era o retorno à cela. Às vezes, eles nos traziam de volta, depois de nos ter torturado durante horas, e nos deixavam na cela. Dez minutos depois, eles voltavam... e era de novo nossa vez... Não podíamos prever nada porque não sabíamos nunca quando iam voltar e quem de nós iria ser torturado."

Fico gelada. Murat continua. Bateram nele até tirar sangue, várias vezes. Torturam-no com eletricidade... eletrodos ligados a lugares precisos do seu corpo...na extremidade de seus dedos,na planta dos pés, no seus bicos do peito e na glândula.

Murat continua:

"O pior foi no fim, quando vieram me buscar para me por na prisão. Eram os que me haviam torturado, os mesmos! Estavam irreconhecíveis. Gêntis. Eram tão atenciosos, se preocupando até com a minha saúde. Me deram cigarros, comida, bebida. Na cela, a comida e a água eram terrivelmente salgadas, de propósito, para aumentar nosso mal estar. Nesta hora, tudo estava bom. Me batiam amigavelmente no ombro e falavam comigo como se fossem irmãos mais velhos. Me davam conselhos: "Não vai começar de novo, deixa isso de lado, isso é babaquice. Viu como você tomou?"

Em um centro de tratamento para as vítimas da tortura, as sessões se sucedem sem descanso. Não há tempo para respirar,

não há tempo para voltar em outro mundo. A realidade bruta, em estado puro. Outro trecho de relato relativo à tortura, desta vez o de Fehmi.

*Fehmi também é turco. Aos trinta e cinco anos, é membro de um partido político proibido na Turquia. Foi condenado a sete anos de prisão por "atentado à segurança do Estado".*

*"Eles me deixaram vários dias sem me torturar. Mas via outros companheiros voltar à cela, que tinham sido torturados... Era o caso de meu melhor amigo, Atnan."*

*Atnan morreu em seus braços depois de agonizar uma semana. A morte era inevitável, os dois sabiam disso. Dia e noite Fehmi o velava. Atnan era "um peixe grande", o responsável do grupo político. Tinha uma personalidade muito forte e bastante carisma. Era respeitado e amado por todos seus companheiros de luta. Sua coragem diante da provação ajudou muito a não se deixar morrer nas horas mais sombrias. Agora ele jazia ali, morto, nos braços de Fehmi.*

*"Vi tantas coisas... Tantas coisas... Havia também a garotinha."*

*Para por um momento, suspira profundamente, acende um enésimo cigarro, bebe um gole de café e começa a contar.*

*"Era bem novinha. Não tinha oito anos. Estava encarcerada com sua mãe." Fehmi descreve o local, para nos explicar por que ouvia tudo. "Era como um grande ginásio. Estavam presos no subsolo<sup>13</sup>. Havia cabines para se trocar antes de entrar na sala de esporte. Estas cabines estavam transformadas em celas. Acima de nós havia um assoalho de madeira e era lá em cima que eles torturavam. A gente ouvia tudo, ao longo do dia, através do assoalho. Mas a gente não via nada. A garotinha gritou durante três noites e três dias. Sem dúvida nenhuma, ela foi obrigada a assistir as torturas da sua mãe."*

---

13. Para falar de si e dos outros, Fehmi se expressa agora na terceira pessoa do plural.

*Um violento e irreprimível acesso de tosse interrompe então seu relato. Entre dois engasgos, diz: “Desculpe, estou com um nó na garganta.” Depois retoma:*

*“Isso da garotinha era mesmo desumano. Torturar adultos, ainda vai, mas colocar uma garotinha nessas coisas? Não, é demais.”*

*Foi depois que a tortura começou para ele.*

*“Me fizeram de tudo, tudo mesmo. A eletricidade, o enforcamento... tudo.”*

*Lembra-se que tinha constantemente fome.*

*“O mais duro era o jato d’água, em janeiro e fevereiro. Me vendaram os olhos. Não ouvia a água chegar e de repente jatos d’água muito fortes me fustigavam todo o corpo.”*

*Tremia todo e tentava fugir da dor. Mas era impossível. Para Fehmi, os jatos d’água eram piores que a pena de morte. Várias pessoas morreram disso, aliás. Após um tempo de suplício interminável, seus torturadores finalmente o expuseram do lado de fora, no frio, para que suas roupas geladas secassem sobre a pele e o apertassem pouco a pouco, cada vez mais forte, até o sufocamento total. Neste momento, ele se lembra, esperava a morte como se espera uma libertação.*

*Pergunto-lhe então se seus torturadores lhe falaram durante a tortura e se ele se lembrava de suas palavras. Ele revê as pessoas, a que segurava o jato d’água e as outras. Lembra-se igualmente de um burburinho de palavras pronunciadas pelos torturadores presentes na sala de tortura. “Me interrogavam... Mas sobretudo, sobretudo, me acusavam e me insultavam.” Ele não pode ainda repetir as palavras de seus carrascos, a injunção dos carrascos “se você falar a gente volta” ainda estava presente de modo forte demais.*

Colhidos ao longo de uma psicoterapia ou contidos em um artigo autobiográfico, os relatos referentes à tortura têm todos, a mesma natureza: obrigam a que se pense em uma zona cinza, na qual estamos pouco habituados a nos aventurar.

Em um artigo intitulado “Frente aos torturadores”, Abraham Serfaty fala da tortura que sofreu da seguinte maneira: “Quando se foi submetido a ela por tanto tempo e tão intensamente que ela penetrou em seu corpo e em seu ser, falar disso é como extrair um vômito enterrado fundo em seu corpo. Enquanto ela estiver vívida, e isso dura anos, é impossível para si mesmo encará-la. Deve-se ao contrário fazer de tudo para esquecer essas horas abjetas, para reencontrar um aspecto humano depois de meses e meses de aviltamento físico, para que o coração não trema mais a cada som que se pareça com aquela voz grave que me sussurrava no ouvido, no mais profundo do meu torpor: Nuhud (levanta) – e eu sabia que era para a tortura<sup>14</sup>.”

A declaração contra a tortura, solenemente adotada em dezembro de 1975 pela Organização das Nações Unidas, a define nestes termos: “A tortura designa todo ato pelo qual uma dor ou sofrimentos agudos, físicos ou mentais, são deliberadamente infligidos a uma pessoa por agentes da função pública ou sob sua instigação, sobretudo com fins de obter dela ou de um terceiro, informações ou confissões, de puni-la por um ato que cometeu ou que está suspeita de ter cometido, de intimidá-la ou intimidar outras pessoas.”

Se esta definição contém com clareza a idéia de sofrimentos *deliberadamente* induzidos pela tortura, ela é não obstante restritiva e requer alguns comentários. Neste texto, adotado por uma grande maioria de Estados membros da Assembléia das Nações Unidas, a definição não enfatiza os sofrimentos crônicos que ela acarreta. Porém, isso é com certeza o que nós constatamos na nossa prática clínica. A definição adotada pela assembléia das Nações Unidas não parece considerar que as situações nas quais o terror cotidiano é vivido de modo contínuo por toda uma população, sejam uma forma de tortura. Por fim,

---

14. A Serfaty, “Face aux Tortionnaires”, *Les Temps modernes*, abril de 1986.



esta definição leva em conta apenas a tortura de Estado. Mesmo se é esta a situação mais frequentemente encontrada, não deixa de haver grupos de oposição armados que utilizam a tortura, os massacres coletivos, os estupros enquanto método de tortura. A tortura assim não é unicamente assunto de Estados torturadores, ela é igualmente maciçamente usada por grupos não estatais.

Apesar do fato desta declaração contra a tortura ter sido ratificada pela maioria dos Estados membros das Nações Unidas, ainda é preciso revelar o impacto real que ela provoca. A comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas, composta por representantes de cinquenta e três Estados eleitos pela assembleia geral, pertencem Estados que violam o que é chamado comumente de “direitos do homem<sup>15</sup>”, embora sejam, em princípio, encarregados de garantir a aplicação de convenções internacionais e de propor novos instrumentos de controle na assembleia geral<sup>16</sup>. Além disso, em países nos quais a tortura é praticada, aqueles que a instauram tomam muitas vezes cuidado para não deixar vestígios, o que é exatamente o caso de um grande número de países que ratificaram esta declaração contra a tortura.

A tortura, na sua forma moderna, é um fenômeno mundial. Em certos países, ela é utilizada de maneira sistemática como na Turquia, no Sri Lanka ou no Cachemira indiano<sup>17</sup>, por

---

15. Em todo caso tais como foram definidos pelas Nações Unidas. Em seu discurso diante da ONU, Fidel Castro criticou a utilização “por geometria variável” deste conceito. Segundo ele, o direito dos humanos deveria igualmente garantir o direito de não ser esfomeado e asfixiado pelas grandes potências, fazendo assim referência direta ao embargo americano sobre Cuba.

16. Sobre esta questão, ver o capítulo “La torture, peste du XXe siècle” no livro de André Jacques, *L'interdit ou la torture en procès*, Paris, Cerf, 1994.

17. No que se refere à utilização da tortura e a situação da repressão política em cada país, o leitor pode consultar os relatórios anuais editados pela Amnesty International.

exemplo. Em outros países ela é “tolerada”, ou mesmo instigada pelo poder. São então grupos paramilitares, às vezes diretamente manipulados pelo poder, que se encarregam de aplicá-la e liquidar os oponentes do regime instaurado<sup>18</sup>.

Marcello Viñar define a tortura como “qualquer dispositivo intencional, sejam quais forem os métodos utilizados, que tenham por finalidade destruir as crenças e as convicções da vítima, a fim de despojá-la da constelação identitária que a constitui enquanto pessoa<sup>19</sup>”. Considera seus autores como agentes de um poder violento, utilizados para fabricar a submissão total e a paralisia dos governados. A tortura é então o instrumento pelo qual se quer “desvitalizar”, “desativar” aqueles a quem se acusa de por em perigo a ordem estabelecida. A tortura moderna está frequentemente presente em sociedades desculturadas ou submetidas a um processo rápido de desculturação. Ela aparece igualmente sob a sua forma atual quando as codificações que estruturavam as trocas e os encontros entre diferentes grupos humanos desapareceram em benefício de um modelo único de estruturação das trocas entre grupos. As regulações entre diferentes grupos constitutivos de uma sociedade não são mais efetivas pelo fato da instauração, ora brutal, ora progressiva, de um modelo único de sociedade. “O gesto do carrasco”, escreve Michel de Certeau<sup>20</sup>, “grava na carne a ordem que se empenha em obter o assentimento pela submissão. Pelo medo e a delação, o poder busca obter uma confissão primordial: assentir que ele, o poder agente, é normativo e legítimo.” A tortura é o instrumento pelo qual os

18. Era o caso do Brasil, por exemplo, durante a ditadura, com os esquadrões da morte.

19. Marcello Viñar, psiquiatra uruguaio que viveu longos anos de exílio em Paris, à época do ditador do general Bordaberry Victielles no Uruguai. Citado por A. Jacques, “La torture, peste du XXe siècle” art. cit., *L'interdit ou la torture en procès*, Paris, Cerf, 1994, p. 207.

20. Michel de Certeau (1987), “Le corps torturé, parole torturée”, *Cahier pour un temps*, Paris, Éditions du Centre Georges-Pompidou, 1987.

torturadores instauram uma ordem binária: “Excluir o sujo para que o limpo possa continuar a funcionar<sup>21</sup>.” Ela constrange aqueles que se submetem a isso a um funcionamento dicotômico, totalmente clivado entre a cultura interiorizada e a cultura imposta. Esta dicotomia vai reger o modo de funcionamento dos indivíduos e dos grupos que são submetidos a este processo. Em *Essais d’ethnopsychiatrie générale*, Georges Devereux destaca a noção de *désordre type*, designando assim doenças psicológicas próprias ao tipo de sociedade que as produz<sup>22</sup>. Tobie Nathan refinará a análise dos mecanismos subjacentes a tais transtornos sete anos depois, em *Sexualité idéologique et névrose*<sup>23</sup>. O que caracteriza os transtornos-padrão é o fato que sua lógica e sua estrutura são homotéticas à lógica e à estrutura da organização social na qual ocorrem. Nos violentos processos de desculturação, apenas duas “opções” são possíveis: preservar o sentimento de continuidade de sua própria existência desdobrando-se, ou renunciar a sua identidade. Durante uma transmissão radiofônica consagrada ao Chile, o programa “Passerelle” na rádio France-Culture, o advogado chileno Roberto Gareton descreveu a articulação entre o singular e o coletivo através das conseqüências individuais que a ditadura provoca: “A liberdade diminui dia a dia no Chile enquanto que, paradoxalmente, os militares matam bem menos do que antes. Agora, as próprias pessoas se tornaram seu próprio carrasco. Cada jornalista exerce por si mesmo sua autocensura. Há pouquíssimas denúncias, pois o medo está agora interiorizado. Assistimos a um verdadeiro desdobramento da identidade de um povo. Não sabemos mais o que é o Chile. O

---

21. *Id., ibid.*

22. G. Devereux, *Essais d’ethnopsychiatrie générale*, Paris, Gallimard, 1970. No que se refere ao conceito de *désordre type* o leitor remeterá ao capítulo I, “Normal et Anormal”.

23. T. Nathan, *Sexualité idéologique et névrose*, Grenoble, La Pensée sauvage, 1977, p. 49.

efeito da ditadura nos faz dizer: o Chile é isso, e isso não tem mais nada a ver comigo.<sup>24</sup>

O totalitarismo enquanto modo de pensamento age, tanto no humano quanto na sociedade, privando-lhes deliberadamente a ambos da multiplicidade de ramais que as constituem. A lógica totalitária se imiscui pouco a pouco na subjetividade pela modificação dos códigos de acesso à compreensão da realidade. Imposta por fora, esta modificação não é discutida, ela é atuada. Em tal sistema, os militares, os policiais e os agentes do Estado tornam-se os atores (e não apenas os executantes) que procedem à instauração de uma norma fabricada. Encarregados de zelar pela segurança interna do país, eles se tornam também os artesãos da "segurança interna" dos indivíduos. Em tal sistema, os policiais e os militares se tornam instigadores de um código obsessivo total em que a obtenção de confissões e de informações contribui para a fabricação do edifício totalitário. Seu objetivo implícito é o de reduzir a uma linguagem única uma população inteira. São os representantes encarnados dos "bons valores" e a tortura se torna então um meio de separar os "bons valores" dos "maus". Aquele que não se conforma com os primeiros não tem nenhum lugar neste sistema.

Assim, pois, e contrariamente à idéia que se faz da tortura, não é para fazer falar que se tortura, mas para fazer calar. A tortura condena ao silêncio, ela tem um efeito de segredo. "Na imensa solidão do combate do torturado com seu carrasco", escrevem Marcello Viñar, Maren Viñar e Leopoldo Bleger, "o que está em jogo não é apenas a confissão. Pois entregar o segredo, confessar é dobrar-se à vontade onipotente do torturador, e a partir daí sofrer a atroz transparência da despersonalização. O segredo e a opacidade íntima são fundamentos

---

24. Programa "Passerelle", transmitida em 26 de março de 1988 na rádio France-Culture.

da identidade. Sua perda – transparência do pensamento – é a queda na loucura<sup>25</sup>.”

A perda do segredo tem um lugar central na tortura. É por aí que o torturador busca dissolver seu prisioneiro, isolá-lo de seu grupo. “Falar”, “entregar”, “dedar” resulta frequentemente, para os que o fizeram, na loucura ou em um perigoso vacilo da razão. Permanece então, muito tempo prisioneiros de seus inimigos. O segredo é uma modalidade da constituição dos grupos. Ele traça uma linha de demarcação. O segredo torna selado o mundo dos carrascos, assim como o faz com o mundo das vítimas da tortura, em um mesmo silêncio. Nem um lado nem o outro falam deste mundo à parte. Para todos, ele constitui a linha de demarcação entre eles e os outros, os que não conheceram a tortura.

Para Robert Antelme a tortura atenta ao sentimento de pertença à espécie humana. “Dizer que nos sentíamos então contestados como homens, como membros da espécie, pode parecer como um sentimento retrospectivo, uma explicação à posteriori. Isto é, no entanto o que foi o mais imediatamente e constantemente sensível e vivenciado, e isto é, aliás, exatamente isto, o que foi querido pelos outros<sup>26</sup>.” Aquele que se tortura é sempre pensado por seu carrasco como um não-humano, *ein Stück*, um pedaço, para retomar a fraseologia nazista. É o que pensa igualmente M. Hémery, resistente durante a Segunda Guerra Mundial, que declarou durante o programa de televisão realizado por Jean-Marie Cavada sobre o “dever da memória” em junho de 1993: “Quando se foi torturado, não se sente mais em casa na terra.”

25. cf. M. e M. Viñar, *Exil et Torture, op. cit.*, p. 165.

26. R. Antelme, *L'Espèce Humaine, op. cit.*, 1957, p. 11.

## Capítulo III

### Clínica da destruição

Entre as vítimas da tortura, muitos anos depois dos fatos, o sofrimento continua presente, intacto. Ele vem lembrar que, no interior deles mesmos, alguma coisa foi quebrada, desregulada, e que o correr da vida foi parado. O questionamento que suscitam os pacientes submetidos a um traumatismo deliberadamente induzido pelo homem e a grande perplexidade na qual eles podem mergulhar os terapeutas que trabalham em uma estrutura de atendimento habitual, são provas da natureza totalmente híbrida, atípica, de seus sofrimentos. Eles não podem entrar em nenhuma codificação habitual da nosografia psicopatológica.

*Um dia; uma pessoa bem curiosa, que eu chamarei de Luminitza<sup>58</sup>, é levada até o serviço de psiquiatria no qual eu trabalhei por muitos anos<sup>59</sup>.*

*Luminitza vem de um país do Leste. Não fala uma palavra de francês. Aos quarenta e cinco anos, parece não ter idade e vaga tristemente pelo corredor, junto às paredes. Sua pele é diáfana. Ela se esconde em um vestido azul celeste, grande demais para ela, e anda sem barulho. Uma trança grisalha lhe cai às costas. Quando ela os levanta, seus olhos são azuis. Olhos que não olham nada, a não ser o vazio que ela traz consigo. Luminitza não se deixa ver e não se faz ouvir. Ela não fala: ela sussurra.*

---

58. O que significa "pequena luz" na sua língua.

59. CHS de Ville-Évrard, serviço do doutor A. Abraham.

*Seu irmão, refugiado político na França há alguns anos, pediu uma internação voluntária em hospital psiquiátrico para Luminitza, pois ela se tornou de repente muito agressiva com sua filha e com os próximos, e isso de modo totalmente incompreensível. Ela jogava pedras grandes na cabeça de todos os seus vizinhos que, acuados, fizeram várias denúncias à polícia. O irmão de Luminitza não entendia nada do que acontecia com a sua irmã. Ele não a reconhecia mais. Ela havia se tornado uma estranha. Quando ela chegou à França, ele a achou esquisita, completamente mudada. Quando ela falava, era para lhe repetir incansavelmente que ela queria trabalhar a terra. Ela não fazia nada, não pedia nada. Várias vezes, ele tentou levá-la a um "doutor". Em vão! Ela se opunha com veemência. Ele relacionava esta recusa paroxística de ir ver um psiquiatra aos "tratamentos psiquiátricos" que ela tinha sofrido em seu país. Ele vai nos perguntar muitas vezes: "Me diz... de verdade... Alguém pode deliberadamente enlouquecer o outro? Ela vai se curar? O que fizeram com ela na Securitate<sup>60</sup>? O que fizeram com ela no hospital psiquiátrico? Pelo amor de Deus, tire ela deste pesadelo."*

*Quando chegou ao atendimento, ela se entocava em seu quarto, passeando com um saco de plástico cheio de lixos de todos os tipos que ela recolhia e empacotava muito cuidadosamente nos papéis que ia encontrando: ali a gente encontrava cascas de maçã, de banana, pontas de cigarro, folhas mortas, papel sujo... Ela presenteou o psiquiatra responsável pelo pavilhão com alguns desses pacotes. Luminitza mobilizou muito rapidamente o atendimento inteiro. Mas tentar recapitular sua vida a fim de dar um sentido a seu delirante abandono seria uma façanha. Frente aos terapeutas, Luminitza manifestava um terror indescritível, endossado pela desconfiança e rejeição de sua filha, então com vinte anos, em relação à psiquiatria.*

---

60. Polícia política.

*Desde que Luminitza chegou à França, já há muitos anos agora, ela nunca saiu de casa. Antes de deixar seu país, ela havia feito vários apelos às autoridades competentes, pedindo o direito de partir para juntar-se aos outros membros da família. Ela era a última pessoa da sua família a pedir para deixar o país, seu irmão e sua mãe já tendo se instalado na França há muito tempo. Luminitza pagou caro o exílio prévio dos seus próximos... com a loucura. As perseguições, intimidações, humilhações e provocações múltiplas começaram então. Duraram dois anos, sem descanso. Um dia, o marido de Luminitza "desapareceu", sem dúvida, morto atropelado por um carro. Foi o que lhe disse a polícia. De qualquer modo, ela nunca mais o reviu, e nunca mais reviu seu corpo. Vivía um dia atrás do outro com esta questão: Ele está vivo? Ele está morto? Ela nunca saberá de nada. Um ano depois, a Securitate vem buscar Luminitza para interná-la a força em um hospital psiquiátrico, no qual ela ficará "detida" durante cinco semanas. Ali, ela teria sofrido maus tratos, sobretudo eletrochoques não terapêuticos e ingestões forçadas de psicotrópicos em alta dose.*

*Durante os encontros no hospital psiquiátrico, na França, Luminitza permanece sentada entre sua filha e sua mãe, com os braços soltos, completamente apática. De tempos em tempos ela olha, toca, raspa e esfrega as paredes, ou cata poeiras no chão. Ela diz que faz a faxina. Às vezes, ela pula e se agarra à maçaneta da porta buscando desesperadamente fugir. Sua filha também manifesta um medo mal disfarçado durante os encontros: traduz habilmente as perguntas dos terapeutas a sua mãe de modo que ela possa responder apenas por "sim" ou "não". No começo, não se pode trabalhar de jeito nenhum com um intérprete estrangeiro à família, sua desconfiança sendo grande demais. Como se pode ter confiança, falar com toda a segurança, quando se escondem, entre os exilados, agentes dos serviços de informação de seu país que se fazem passar por oponentes políticos refugiados na França? Repetições em leitmotiv voltam sem parar na boca de Luminitza cortando*



*seco qualquer trabalho de reconstituição de lugar: "trabalho, trabalho, trabalho" repete em francês. Sua filha, mãos nos quadris, ou grudando sua bolsa meio vazia contra seu peito vocifera ao traduzir: "Ela diz que quer trabalhar. Com lixo. Só isso. Ela precisa sair. Só isso. Não tenho nada a dizer". Ela suspira visivelmente transtornada. Luminitza não para de fazer o sinal da cruz e acrescenta dois gestos: ela toca sua testa e seu ombro direito.*

*Algum tempo depois, um membro da equipe médica pergunta Luminitza sobre o desaparecimento de seu marido. Ela responde, consternada, que nunca teve marido. A cada vez que abordamos essa questão ou a da internação psiquiátrica em seu país de origem, ela começa a entoar sem parar e em francês: "travail, travail, travail".*

*Para comer, Luminitza se esconde embaixo da cama. Não sonha nem tem pesadelos. Responde uniformemente a qualquer solicitação da equipe com estas palavras: "malat, malat", "tabak, tabak" ou : "Cato folhas e cigarros. Quero trabalhar com lixo<sup>61</sup>". Pedimos à intérprete<sup>62</sup> se ela poderia estar querendo evocar um espancamento [em francês, "passage à tabac"]. "Perfeitamente", respondeu ela, "na nossa língua isso se diz Tabatchik."*

*Lembrar-se é doloroso. Luminitza começa a ter dores difusas por todo o corpo, sobretudo nas articulações; assim como dores de dente e de cabeça insuportáveis. Ela pode relatar alguns acontecimentos biográficos, mas de forma extremamente confusa. A ordem cronológica ainda é impossível. Ela sabe agora que está na França, mas há enormes telescopagens entre "aqui" e "lá". Para ela, seu irmão ainda vive lá. Sua estadia na França é paga por Deus. "Ele sempre*

---

61. Palavras que ela pronuncia então na sua língua.

62. Depois de algum tempo, Luminitza aceitou vir à sessão na presença de uma intérprete que foi escolhida com seu acordo. Não podemos retratar aqui todo o percurso psicoterapêutico de Luminitza.

*pagou tudo, ele sempre cuidou de tudo... Ele me dá sabonete de vez em quando”, acrescenta.*

*“Luminitza, por que a senhora sempre come embaixo da cama? Agora a senhora nos conhece, não tem que ter mais medo de nós”, diz Monique, uma enfermeira plantonista. Faz três semanas que Luminitza está hospitalizada.*

*“Sim, eu como sopa”, ela responde.*

*Na sua língua, há um homônimo entre “sob a cama” e “sopa”. Ela responde, como muitas vezes, fazendo referência ao outro sentido da palavra, o que está oculto. “Acabou o interrogatório, posso ir embora agora?” ela pergunta, tremendo. Acontece que uma pergunta do psiquiatra desencadeia a sua urina. Sua filha, há pouco tempo bem mais confiante, conta: “Não queria falar disso com vocês, é muito vergonhoso o que eles fizeram ela suportar.”*

*Em B., Luminitza havia saído do hospital psiquiátrico completamente metamorfoseada. Estava muito agitada e tinha um medo pânico de tudo. Sujava-se ao fazer suas necessidades sobre ela mesma, não tomava mais banho e não suportava que ninguém se aproximasse dela, mesmo sua filha. Mas também era tomada pelo pânico assim que esta a deixava sozinha. Luminitza atravessou então um período de extrema agitação e de medos intensos. Depois de sua chegada na França, a mudança era espantosa: de agitada, Luminitza se tornou apática. Ela se arrastava tristemente em seu pequeno apartamento e recusava sair à luz do dia. Tornou-se bulímica, e engordou dezesseis quilos. Em julho, todos os anos, ela atravessa um período de agitação e fica muito preocupada, gritando então: “Eles estão em todos os lugares, eles me seguem”. Está convencida que a Securitate instalou microfones e câmeras de segurança em sua casa.*

*Então um dia, depois de ter vivido cinco anos entocada em seu apartamento, Luminitza se tornou muito agitada e agressiva. Foi então que ela começou a jogar pedras nos vizinhos e*

*a agredir sua filha. Foi este estado que esteve na origem de seu internamento voluntário.*

*O medo do hospital psiquiátrico e dos médicos era tão intenso que durante cinco anos ninguém no seu meio havia ousado chamar um médico.*

*Depois de sua saída, acompanhei Luminítza durante um ano em psicoterapia em um centro médico-psicológico. Atualmente, ela está totalmente "curada", metamorfoseada. Ela se mostrava fascinada pelos monumentos de Paris, e os comparava um a um com os de B. de antes, antes que "Ele", como ela chamava o conductor, tivesse feito arrasar a velha cidade na qual ela tinha vivido tantos anos. Mas Luminítza sempre permaneceu profundamente ligada ao campo, seu mundo de antes de "tudo isso". Certas manhãs, podia se avistar Luminítza passear sob as árvores ao longo do Sena em Epinay. Depois de alguns meses, ela foi viver no campo, em um pequeno sítio onde ela cuida agora de animais.*

Luminítza havia deixado a equipe médica perplexa. Não era uma paciente como as outras. Seu sofrimento paroxístico neste universo psiquiátrico e seu terror patético frente aos psiquiatras fizeram com que todos tomassem consciência que ela viva sua hospitalização como sendo a repetição de uma situação traumática. A partir daí, ela colocava um verdadeiro problema diagnóstico: ela era literalmente "atípica". Sem olhar de mais perto, sua desconfiança poderia ter sido interpretada como excesso de sensibilidade, sua perplexidade como "atitudes de escuta", seu terror como "alucinações polissensoriais" e sua apatia como "apragmatismo esquizofrênico." Os distúrbios que apresentavam Luminítza não provinham nem da neurose nem da psicose. Híbridos, remetiam a todas as categorias nosográficas ao mesmo tempo. Plasmada como uma estátua de sal, Luminítza viveu com seus sintomas durante seis anos. **Desprezando qualquer preocupação classificatória, nos concentramos em restituir um sentido a sua história traumática e**

nos atacamos contra a influência do carrasco interiorizado<sup>63</sup>. Eis porque, muito rapidamente, Luminitza se transformou de forma radical.

O que é notável na história de Luminitza, como entre todas as vítimas da tortura que apresentam um traumatismo psíquico, é a legibilidade excepcional da causa do distúrbio. A clara distinção entre a Luminitza de *antes* de sua hospitalização abusiva em B., e a Luminitza de *depois*, suscitava a incredulidade geral. “Antecedentes psiquiátricos” foram procurados pelos mais incrédulos. Em vão! Estávamos claramente confrontados com uma evidência clínica: Luminitza era o exemplo vivo que vinha atestar que, de modo totalmente deliberado, havia-se fabricado a loucura, havia-se modificado o funcionamento psíquico de uma pessoa.

De modo geral, a necessidade de se isolar, o silêncio e a vergonha fecham as pessoas que conheceram a tortura, em um asco profundo de si mesmas. Assim, elas fazem de tudo para se prejudicar: elas comem em excesso, bebem até a embriaguez, fumam e vivem constantemente em brasas. É sempre esse segredo pesado que as asfixia, esse segredo pesado que rói as paredes do estômago até torná-lo apenas uma cavidade ácida. Não dizer nada... não dizer nada e se calar. Calar esse segredo insuportável: que não se pertence mais exatamente ao mundo daqueles que lhe cercam. “Se o que resta da experiência da tortura não pode ser nunca outra coisa além de uma impressão de pesadelo”, escreve Jean Amery<sup>64</sup>, “então é um imenso espanto, e é também o sentimento de se ter tornado estrangeiro para o mundo...”. Quando a tortura penetrou o seu âmago, quando se viu pessoas morrerem por suplício, quando se volta vivo, a pessoa se vê como um “sobrevivente”, um atravessador

---

63. No que diz respeito à técnica terapêutica, ver o capítulo dedicado ao tratamento psicoterápico das vítimas de tortura e de traumatismos intencionais.

64. Jean Amery, *Par-delà le crime et le châtement...*, *op. cit.*, p. 78.

entre dois mundos. A qualquer momento, ela vai sempre te falar destas intermináveis agonias, destes mortos, dos mortos *deles*, dos que eles deixaram para trás. Na rua, no café, com amigos, lhes acontece às vezes de estremecer, e de maneira totalmente imprevisível, gelados por terem escutado, *como se estivessem aí*, a voz de seus torturadores. Acontece-lhes de se cobrir de suor e começar a correr, esbarrando em transeuntes incrédulos, interrompendo conversas até então joviais. Acontece-lhes também de voltar a sentir os golpes, a eletricidade, o rasgar dos músculos. Estão então convencidos, no tempo de um flash, que o suplício volta a ser atual. Queriam poder dormir. Mas dormir lhes dá medo, pois sabem que o sono os convoca a um insuportável encontro com o passado, por meio do que é chamado de pesadelo. Durante a noite, fecham os olhos apenas por alguns instantes, às vezes nenhum. Em algumas horas, estão de novo no passado. "Ainda estamos aqui" diz o filme. Uma sucessão de imagens desfila diante de seus olhos. Revivem as cenas de horror que viveram. Sentem de novo o cheiro da urina, do vômito, do sangue. Esquecer é impossível. E quando o mundo da noite segue as suas próprias regras, é pior. "Não me reconheço mais. Sou só a sombra de mim mesmo" dizem muito. Mas o que querem dizer? Não ser mais "si mesmo", não mais se reconhecer, é chorar sem razão, em qualquer hora ou lugar, é dizer alto o que não se pensa, para ferir, gratuitamente, sem o querer, sem premeditação. Não ser mais si mesmo, é às vezes socar com força, em geral as paredes, mas também a mulher e os filhos, com essa vontade de quebrar, quebrar, quebrar... A memória se apaga, tudo se telescopa, tudo se imobiliza. E é preciso que "provem" essa vivência junto às autoridades francesas, entrar em trâmites administrativos, "se inserir", "se integrar", aprender o francês. "Decorar nomes, datas, uma língua nova, para quem, por que, já que não pedimos para sair?" me repete Emir, um refugiado bósnio que passou oito anos em campo de detenção na ex Iugoslávia. No fim das contas, volta-se sempre a esse tempo

zero da sua vida: aquele a partir do qual eles se tornaram um outro.

Os clínicos que tratam vítimas da tortura não deixam de se espantar com o seguinte fato: seja qual for a origem dos pacientes, curdos da Turquia, kabiles da Argélia, tâmiles do Sri Lanka, balantas ou manjacos de Guiné-Bissau, peuls da Mauritânia ou bósnios muçulmanos de Sarajevo, as queixas e os sofrimentos ligados à tortura são sempre descritos da mesma maneira, com as mesmas palavras. Não podem mais pensar, nem dormir, têm pesadelos, sobressaltam com qualquer barulho, e não podem mais decorar nada. O que provoca em todos o sofrimento maior, o de terem sido transformados, de não serem mais os mesmos de antes.

Um fato volta sempre em suas falas: sua busca para encontrar alguém que possa compreender, que possa ouvir o que eles têm a dizer. Quando encontram, se inscrevem facilmente em um dispositivo psicoterapêutico. Durante um primeiro encontro, esta observação aparece sempre; "Sabe, eu não sou louco. Eu não era assim antes. Se estou nesse estado hoje, é por causa do que me fizeram." A origem "externa" é colocada *imediatamente* pelo próprio paciente. Eis porque eles podem parecer vindicativos aos olhos de certos terapeutas que não se deram o trabalho de se interessar pelo mundo de seus pacientes, no caso o mundo da tortura. De fato, não está na cultura dos terapeutas ocidentais aceitarem uma etiologia trazida pelo paciente. Terão antes tendência a desconfiarem de um discurso "construído demais" sobre a natureza do mal. Se formos julgar pela natureza do percurso terapêutico dos pacientes antes que eles cheguem a um centro ou em uma consulta especialmente destinadas a tratar pessoas que foram torturadas, esta atitude de desconfiança, de ignorância em certos casos, é muito comum no meio dos terapeutas.

*Antes de vir ao centro de tratamento, a Sra C. se dirigiu a vários organismos, hospitais, ambulatórios onde ela foi vista*

*por uma quantidade impressionante de médicos generalistas, pneumologistas, ginecologistas, dermatologistas, psiquiatras, psicoterapeutas... A consulta a sua ficha médica, que ela havia constituído desde sua chegada na França, mostra claramente que ela apresentava seqüelas de torturas muito significativas quando chegou à França. Só que ninguém se interessou por isso de maneira específica. A única resposta que lhe era dada às suas queixas reiteradas ou à persistência de seus sofrimentos era uma multiplicação de consultas junto a vários especialistas. Sra. C. tentou psicoterapia por duas vezes, mas em vão... ela desistia depois de três sessões, com uma impressão de mal-entendido. Ela tinha a nítida impressão que não era compreendida. Era encorajada a falar dela, no momento em que começava por contar seu engajamento sindical em seu país, razão pela qual ela foi torturada e presa. Interessavam-se exclusivamente pela sua primeira infância, suas relações com o pai, com a mãe. Os distúrbios dos quais ela se queixava e que correspondem rigorosamente à descrição que demos acima, não desapareciam. Pelo contrário, se intensificavam. Diante da ineficácia do tratamento, Sra. C. desistiu. Era pelo corpo que expressava o essencial de seu sofrimento. No entanto, ao se colocar em paralelo o histórico do surgimento dos sintomas e o histórico repressivo, nos surgiu imediatamente que as datas e os momentos do dia em que apareciam as dores coincidiam sistematicamente com um fato marcante do histórico repressivo: detenções, torturas, estupros... As queixas somáticas eram os marcadores corporais dos acontecimentos traumáticos que permearam sua vida. A valsa dos especialistas acabou no dia em que seu histórico traumático foi trabalhado por si mesmo. Através de seu cortejo de sintomas, Sra. C. pedia aos inúmeros especialistas de inscrevê-la em um sistema apropriado que pudesse dar conta da vivência da tortura. Mas os psiquiatras e psicanalistas que ela encontrou faziam sempre a mesma coisa no fim das contas: atribuir seus sofrimentos a uma causalidade interna.*

A qual estatuto psicopatológico pertence um traumatismo fabricado, deliberadamente induzido pelo homem? Pode-se falar de “psicopatologia” em relação às vítimas da tortura? O distúrbio de que sofrem as pessoas que foram traumatizadas pela tortura surge em função da ação deliberada dos torturadores. A forma do distúrbio que elas apresentam está diretamente ligada à natureza dos acontecimentos traumáticos que viveram. Ele apresenta um caráter sistemático, maciço, repetitivo, duplicado, reproduzido de modo idêntico de uma pessoa a outra, seja qual for sua origem cultural, social, religiosa... É por essa razão que eu fui levada a pesquisar sob que forma se manifesta a intencionalidade do torturador.